



INVESTIGAÇÃO SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO/UFS

Alessandra Pereira Gomes Machadoⁱ
Marluce de Souza Lopes Santosⁱⁱ

EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

RESUMO

Atuando há anos no exercício da docência, temos nos preocupado com o processo ensino-aprendizagem dessa disciplina. Na prática cotidiana do ensino, temos convivido com a contradição que se estabelece entre a escola real e a escola desejada; percebemos, portanto, a importância de estudar as práticas de leitura a partir do ambiente escolar que envolve a relação entre mestres e estudantes (FELGUEIRAS, 2010) para compreender as representações sociais que essas práticas permitem na aquisição de *habitus* e valores e quais "as transferências culturais" da escola para os alunos. Assim, propomo-nos a investigar a prática de leitura dos alunos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe – Codap/UFS. O interesse por esse objeto de pesquisa foi despertado no período em que cursava uma disciplina pelo Núcleo de Pós-Graduação em Educação – NPGED/UFS.

Palavras-chave: História da Educação, Cultura Escolar, Prática de Leitura.

ABSTRACT

Working for years in the teaching profession, we have been concerned about the teaching-learning process of this discipline. In everyday practice of teaching, we have lived with the contradiction that is established between the actual school and the school wanted, realize, therefore, the importance of studying reading practices from the school environment that involves the relationship between teachers and students (FELGUEIRAS, 2010) to understand the social representations that these practices allow the acquisition of habits and values and what "cultural transfers" of school for students. Thus, we propose to investigate the practice of reading the high school students of the Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe - CODAP / UFS. Interest in this research subject was awakened during the period she was studying a discipline by the "Culturas e Práticas Escolares" - NPGED / UFS.

Keywords: History of Education, School Culture, Practice of Reading.

O nosso interesse pela pesquisa sobre práticas de leitura foi despertado no período em que cursávamos como ouvinte a disciplina isolada "Cultura e práticas escolares" pelo Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, a partir das leituras orientadas que nos apresentaram um novo significado a essa prática.

Nesse espaço, descobrimos que a leitura possui uma história, que o leitor se apropria das leituras realizadas de diferentes formas e de lugares sociais diversos, que a leitura nem sempre foi livre e desejada, o que explica livros e leitores tão perseguidos em diversos períodos históricos. Dessa forma, percebe-se que a leitura não tem uma aparente neutralidade e um caráter universal (DARNTON, 2010).

Para tanto sentiu-se a necessidade de investigar as práticas escolares como fruto de uma cultura escolar, dando destaque à função cultural da escola.

Entendendo cultura escolar como:

um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10).

Percebemos, portanto, a importância de estudar as práticas de leitura a partir do ambiente escolar que envolve a relação entre mestres e estudantes (FELGUEIRAS, 2010) para compreender as representações sociais que essas práticas permitem na aquisição de *habitus* e valores e quais "as transferências culturais" da escola para a prática da leitura para os alunos.

As práticas de leitura são relevantes no processo de aquisição de novo *habitus* – considerado por Bourdieu como o “sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (apud MELO, 2009, p. 10).

Os fins estabelecidos pelas disciplinas escolares como um objeto da cultura escolar pode nos dar alguns indícios de práticas escolares que nos revelem o universo de leituras praticado pelos alunos. Para Chervel (apud FELGUEIRAS, 2010, p. 26), disciplinas escolares são "um produto específico da escola, que não se confunde com outras práticas sociais e constituem um importante elemento da cultura escolar".

A leitura é entendida, neste estudo, como um processo cultural em que "o significado dos textos depende das capacidades, das convenções e das práticas de leitura próprias das

comunidades que constituem, na sincronia ou na diacronia, seus diferentes públicos" (CHARTIER, 2009, p. 37).

Segundo Darnton (2010, p. 177), Drake compreendia leitura “como digestão, um processo de extrair a essência dos livros e incorporá-las em si mesmo. [...] A leitura não deveria ter fins de erudição, mas prestar-se a ajudar um homem a progredir no mundo”.

Assim, conhecer as práticas de leitura realizadas por alunos nos proporcionará indícios de comportamento, dos valores e das experiências que surgiram a partir das leituras, tanto as do processo educacional formal quanto as do cotidiano de suas vidas.

Chartier (2009) nos suscita uma discussão sobre o significado atribuído ao processo pelo qual os leitores dão sentido ao texto dos quais se apropriam. Teremos, portanto, que estudar os processos de "apropriação das leituras" para compreender as práticas de leitura desses alunos, com maior prioridade, o hábito, o tipo e a temática da leitura.

Para Chartier (apud BURITI, 2011, p. 73) a apropriação consiste no que os leitores

[...] fazem com o que recebem, e que é uma forma de invenção, de criação e de produção desde o momento em que se apoderam dos textos ou dos objetos recebidos. Desta maneira, o conceito de apropriação pode misturar o controle e a invenção, pode articular a imposição de um sentido e a produção de novos sentidos.

Investigar as práticas de leitura, a fim de identificar como a leitura está presente na vida de um jovem como prática cultural, leva-nos a compreender as representações sociais que as práticas de leitura permitem aos alunos para a aquisição de *habitus* e valores.

As representações das práticas de leitura podem estar interligadas a fatores diversos, tais como o conhecimento de mundo do leitor, o momento histórico e o meio social ao qual estão inseridos. Chartier (2009, p. 51-52) entende que “as representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é”.

Segundo Darnton (2010), houve um tempo em que a prática de leitura e de escrita era indissociável, os leitores sentiam necessidade de registrar sua impressão sobre o livro, transcrever partes interessantes para um caderno, era o livro de lugares-comuns. Esse livro era lido e reescrito à medida que recombinavam novas observações, “era uma maneira especial de absorver a palavra impressa” (DARNTON, 2010, p. 164).

À época do Renascimento, no mundo do livro impresso, a leitura era tudo, o homem era o que lia, incentivando, portanto, o hábito. Essa prática aguçava a consciência da formação do indivíduo autônomo.

Hoje é estabelecida uma nova relação com o leitor, a textualidade eletrônica transformou o ato de ler. Agora estão disponíveis várias opções de leitura com hipertextos que possibilitam um campo maior de informações, filmes baseados nos livros dentre outras maneiras que possibilitam leituras diversas.

Outra situação é o acesso ao livro e à diversidade temática que tem estado à disposição do público leitor. Sobre a história do livro, Darnton (2010) nos mostra que a rota que esses percorriam para chegar aos livreiros era demorada e cara, mas os leitores se desdobravam para ter acesso. Segundo o autor, “os leitores extraíam significado dos livros; não se limitavam a decifrá-los. Ler era uma paixão” (DARNTON, 2010, p. 215).

Chartier (2009, p. 63) nos apresenta que “a longa história da leitura mostra fortemente que as mudanças na ordem das práticas costumam ser mais lentas que as revoluções das técnicas e que sempre estão defasadas em relação a estas. A invenção da imprensa não produziu imediatamente novas maneiras de ler”.

Chartier (2009, p. 63) afirma que “continua existindo uma profunda brecha entre a obsessiva presença da revolução eletrônica nos discursos e a realidade das práticas de leitura”, acreditamos, portanto, que precisamos incentivar essa prática aos nossos alunos, para que a tecnologia possa ajudar numa concepção de leitura que atue como diferencial para a mudança social.

A formação de leitores proficientes por parte da escola requer o envolvimento e o comprometimento de professores que compreendam a leitura enquanto prática cultural e que se reconheçam como leitores.

Para isso, precisamos trabalhar com a leitura como prazer e como formadora do cidadão autônomo. Darnton (2010, p. 188) afirma que a leitura é como “elemento daquilo que era chamado de história das mentalidades – isto é, visões de mundo e modos de pensar”.

Práticas de leitura como categoria de análise das práticas escolares

As discussões sobre a falta de leitura do brasileiro giram em torno também da qualidade do ensino. Essa problemática leva o olhar para a função cultural da escola em face da diversidade da clientela. Para isso, o estudo sobre a cultura escolar, segundo Julia (2001), almeja acrescentar o estudo das práticas escolares à nova História da Educação.

O conceito de cultura escolar tem corroborado para uma pesquisa que desnaturalize a escola e a veja como um espaço para a educação formal, mas também como uma instituição de socialização.

O diálogo estabelecido entre a História da Educação e outras áreas, como a linguística, tem contribuído para os estudos sobre as práticas. Perceber os indícios, os sinais, a materialidade, as práticas de que os objetos são portadores ou que formalizam, poderá nos ajudar a entender melhor nossa sala de aula e a refletir sobre nosso papel de educador e nossa prática pedagógica.

Com a problematização da função social de transmissão da cultura atribuída à escola como reprodutora do *status quo*, segundo Diana Vidal (2009, p. 26), a partir da década de 1970, os estudos na área da História da Educação "destacam a escola como produtora de uma cultura específica e como espaço de convivência de culturas". Voltar o olhar para o interior da escola é atribuir valor à metáfora da "caixa preta", realizar estudos que se voltem para o interior das instituições escolares, ou seja, estudos da microabordagem escolar.

O estudo sobre cultura escolar tem apresentado um rico material metodológico e analítico das práticas escolares na historiografia. Percebemos como os objetos (categorias) falam e representam essas práticas.

Dialogando com os conceitos podemos assim apresentar a cultura escolar. Para Chevallard (apud VIDAL, 2005, p. 31), a escola não poderia deixar de ser pensada como “verdadeiramente produtora ou criadora de configurações cognitivas e de *habitus* originais que constituem de qualquer forma o elemento nuclear de uma cultura escolar *sui generi*.”. Agustin Escolano (apud VIDAL, 2005, p. 32) distinguia três culturas da escola. “A primeira, empírica, também considerada como prática ou material, era produzida pelos docentes, cotidianamente, no exercício da profissão. A segunda, científica, apresentada ainda como pedagógica, era elaborada pela investigação acadêmica, no seio das universidades e das ciências da educação. A terceira cultura, política ou normativa, referia-se à organização das escolas, ao conjunto de regras que governam seu funcionamento”. Viñao Frago (apud VIDAL, 2005, p. 34-35), concebe a cultura escolar como

as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias. [...] Além de abarcar as mais diversas dimensões do cotidiano da escola e de se desfolhar sobre a sociedade, a cultura escolar, para o autor, variava também de acordo com a instituição investigada. Nesse sentido, preferia a acepção culturas escolares. [...] Haveria, assim, tantas culturas escolares quanto instituições de ensino.

Esses autores que deram sustentação teórica ao trabalho de Vidal (2005) reconhecem o espaço e o tempo como princípios ordenadores de escola, além de compreenderem o cotidiano da sala de aula e a relação que esse estabelece com a sociedade.

Para Faria Filho (apud BENCOSTA, 2001, p. 40), “refletir sobre o conceito de cultura escolar é pensar também os diversos modos como os indivíduos se relacionam com as tradições culturais originárias de diferentes realidades históricas inseridas no processo de escolarização”. Bencosta (2010, p. 42) toma como fio condutor de seu trabalho o conceito de cultura escolar “como possuidor de multiplicidade de interpretações capazes de apresentar fragmentos explicativos do universo escolar, aptos a contribuir para o estudo dos fenômenos educacionais em seus mais variados aspectos históricos”. Ele nos alerta que “as fontes por si não são capazes de elaborar conceitos, cabendo ao pesquisador fazê-lo, fundamentado na construção e refinamento de suas análises interpretativas que ressignificam constantemente o passado”. Alerta-nos também, nesse sentido, Julia (2001) mostrando que o historiador audaz é capaz de fazer “flecha com qualquer graveto”.

Uma possibilidade de pesquisa

A partir das ponderações, realizaremos este estudo que vem suscitar as práticas de leitura presentes no espaço da escola, acreditando que a instituição escolar precisa refletir sobre as práticas pedagógicas, nas quais a leitura é objeto de ensino. A tradicional prática escolar trata a leitura como uma obrigação e, posteriormente, uma avaliação, a fim de verificar se a leitura foi realizada e qual entendimento foi abstraído pelo leitor. Constata-se a falta de problematização do uso das práticas didáticas, do espaço para discussão da apreensão dessa leitura pelos jovens e da experimentação da atividade de escrita.

As leituras realizadas nessa área suscitaram perguntas sobre o hábito de leitura dos alunos do Ensino Médio, tais como: o acesso ao livro possibilitou a prática? A textualidade eletrônica incentivou a leitura? Os livros moldam os leitores, ou seja, nós somos o que lemos?

Propomo-nos, portanto, a investigar a prática de leitura dos alunos dos 1º e 3º anos do Ensino Médio do Codap/UFS. Para isso, vamos percorrer um caminho metodológico que consta de questionário para esses alunos, abordando o hábito, o tipo e a temática da leitura, e de observação da prática desses alunos se estão ou não com livros em outros momentos no Colégio, como recreio, turno oposto e outros, ou ainda realizando leituras em netbooks.

Acreditamos que a prática da leitura para o que se propõe Magda Soares (1999, p. 37) no ensino de Língua Portuguesa pode proporcionar ao aluno mais do que se alfabetizar (codificação e decodificação da língua), mas levá-lo ao *letramento*:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeto ou iletrada, ela passa a ter uma condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu *lugar* social, seu *modo de viver* na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente.

O ensino de Língua Portuguesa deve estar, portanto, centrado numa prática que leve o aluno a outra (nova) visão do mundo em que vive. Segundo Freire (1983) a prática pedagógica consciente deverá desenvolver a leitura e a escrita do aluno. Essas são consideradas instrumentos fundamentais de cidadania e, posteriormente, inclusão social. Ele acredita que a linguagem e sua aquisição tornam-se pilares da participação social e de luta por um mundo mais justo e conseqüentemente mais inclusivo.

Considerações finais

Espera-se, portanto, que as práticas de leitura realizadas no ambiente escolar, em especial dos alunos do 1º e 3º anos do Ensino Médio do Codap/UFS, sejam identificadas a partir dos instrumentos de coleta de dados, questionário e observação, para que o objetivo desse estudo seja alcançado e as perguntas suscitadas pelas pesquisadoras sejam respondidas.

Sabemos que um trabalho de pesquisa não encerra em si, mas abre caminhos para outras perguntas.

Referências bibliográficas

BENCOSTA, Marcus Levy Albino. A cultura escolar na historiografia da educação brasileira: alcances e limites de um conceito. In: FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Eds.). **Cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e autores, 2010. p. 33-34.

BURITI, Iranilson. **Leituras do sensível**: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império. Campina Grande: EDUEFCG, 2011.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. História da Educação: notas em torno de uma questão de fronteiras. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUFS, 2003, p. 257-265.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. et al. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação**. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Cultura escolar: da migração do conceito à sua objectivação histórica. In: FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Eds.) **Cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e autores, 2010. p. 17-32

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 5ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1983.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, Janeiro/Junho, 2001, p. 9-43.

MELO, Sônia Pinto de Albuquerque. **Representações das práticas de leitura de normalistas do Instituto de Educação “Rui Barbosa” durante as décadas de 60 e 70 do século XX**. São Cristóvão, 2009. Dissertação de Mestrado.

SANTOS, Fábio Alves dos. **Rui Barbosa, educação e política: um discurso pedagógico no Brasil oitocentista (1880-1885)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 28-71.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy Alabino (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.

_____. **Alicerces da Pátria**: História da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares**: estudo sobre as práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **No interior da sala de aula**: ensaio sobre cultura e prática escolares. In: Currículo sem Fronteiras. V. 9, n. 1, PP. 25-41, Jan/Jun 2009.

ⁱ Mestre em Educação (UFRRJ). Professora efetiva de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP-UFS). Membro do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Básica (NEPEEB-CODAP) e do grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: intelectuais da educação, instituições educacionais, práticas escolares (NPGED-UFS). Endereço eletrônico: alessandrasje@hotmail.com.

ⁱⁱ Pedagoga, especialista em Planejamento Educacional. Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Sergipe, membro do grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: intelectuais da educação, instituições educacionais, práticas escolares (NPGED-UFS). Endereço eletrônico: marlucelopes@ufs.br.